

MAIS DE UM MILHÃO DE LEITORES
A SÉRIE POLICIAL MAIS MARCANTE DE SEMPRE

**CARMEN
MOLA**

**A
NINA**

SUMA
de letras

Primeira parte

O vestido de noiva fica-lhe apertado, cheira a naftalina e, embora tenha deixado há muito de ser branco, agora é de uma cor indefinida, entre creme e amarelo. O casamento de hoje não era, certamente, aquele com que Valentina sonhou aos quinze anos. O vestido é de Ramona, a mãe do homem com quem casou, um noivo que nem lhe concedeu um beijo quando o funcionário que oficiava o casamento lhes disse que já eram marido e mulher. Ramona, a sogra, é seca e antipática, mais corpulenta do que ela, mas a Valentina as costuras do vestido quase lhe rebentam, pois está grávida de quatro meses. Não sabe por que razão o marido terá concordado em casar com ela, quando está à espera do filho de outro.

Valentina tira o vestido. A roupa interior é vulgar, de feira. Quantas vezes pensara que, para a noite de núpcias, compraria lingerie como a que as raparigas do clube usavam com os clientes? Em vez disso, traz umas cuecas brancas e um soutien que não faz conjunto, que mal consegue segurar uns seios que não param de crescer com a gravidez. A sua própria imagem causa-lhe tristeza e repulsa.

Apesar de tudo, sabe que é muito mais atraente do que Antón, o marido, um homem pequeno, reservado, com pouco cabelo apesar da juventude, com olhar fugidio e odor acre, como se passasse dias e dias sem tomar banho e o suor estivesse contaminado com o fedor a porco que não abandona o nariz de Valentina desde que chegou a esta casa. Uma casa que será sua, supostamente, para sempre.

Tem vinte e três anos, pelo menos mais cinco que o agora marido, e o seu corpo, se não tivesse começado a deformar-se devido à gravidez, seria muito harmonioso. O rosto nem tanto, não consegue esconder os traços indígenas de quase todas as bolivianas. Nunca pensara que isso fosse feio, mas os espanhóis não gostam. Se soubessem quantas coisas não lhe agradam a ela nos homens que conheceu neste país...

Não tem tido nem uma pontinha de sorte desde que chegou a Espanha: queria abrir um pequeno negócio, mas teve de servir numa casa em que o patrão abusava dela cada vez que ficavam a sós, até que a mulher dele, que alguma suspeita teria, a despediu sem explicações. Depois andou de trabalho em trabalho até chegar ao casamento, e não sabe se terá uma vida feliz e sossegada ou se cometeu o seu pior erro. Não pede muito, ter-se-ia conformado com uma casa que não cheirasse a pocilgas e um marido mais bonito, mais homem e mais agradável do que Antón. Mas nada correu bem, e a única coisa que ela acreditava ser uma boa notícia — a possibilidade de casar — trouxe-a até esta localidade, até esta casa, que não é muito melhor do que a que deixou em Cotoca, perto de Santa Cruz de la Sierra, onde nasceu e onde o pai construiu um lar com as próprias mãos.

Os casamentos na sua terra são preparados com tempo, bebe-se muita cerveja e come-se carne de vaca à fartazana; as convidadas trazem saias e chapéus, e eles ataviavam-se com as melhores indumentárias; contrata-se um grupo musical que interpretará a valsa para os noivos dançarem, é um dia feliz. No casamento de Valentina não houve convidados, apenas ela e Antón, e Ramona e Dámaso, os pais do noivo, que foram as testemunhas; também não houve música, nem ninguém atirou arroz ou pétalas de flores aos recém-casados. O copo-d'água consistiu nuns refrigerantes no bar da praça com um prato de frutos secos e uma dose de lulas, oferecida por Aniceto, o dono do bar, feliz por ter uma noiva no

seu estabelecimento: foi o único que deu os parabéns a Valentina e que gritou um tímido «Viva os noivos!»

Agora está sozinha no quarto, o marido não entrou com ela. Pensava que iria querer consumir o casamento assim que chegassem, mas, pelos vistos, prefere esperar pela noite. A verdade, porém, é que Antón, no breve noivado que tiveram, ou, melhor dizendo, na mera farsa em que se traduziu o prelúdio do casamento, nunca demonstrou o menor vislumbre de desejo por ela.

— Dentro de meia hora o jantar está pronto, não te atrases.

Ramona entrou sem bater, encontrou-a assim, a olhar-se ao espelho, de cuecas e soutien. Embora não tenha tecido nenhum comentário, ignorou-a com desprezo. Na meia hora que falta para o jantar, Valentina não terá tempo para tomar banho e tirar o cheiro a naftalina do vestido e a sensação de sujidade que a envolve, mas não se atreve a contrariar aquela mulher.

Só conheceu Antón há quinze dias. Quem foi vê-la ao clube à beira da estrada em que trabalhava — não, não era uma das meninas de alterne, limitava-se a esfregar o chão, as casas de banho e os copos — foi o pai dele, Dámaso.

— Se casares com o meu filho, tiro-te daqui — propôs-lhe.
— Não somos ricos, mas não te vai faltar nada.

— Estou grávida.

— Daremos o nosso apelido ao teu filho.

Ficou-se por ali. Ela nem sequer perguntou o que faziam na vida, só lhe veio à cabeça que o bebé que esperava — ainda não sabe se será menino ou menina — viveria numa casa normal, não num clube à beira da estrada, rodeado de prostitutas, e que não passaria as necessidades que ela passou.

Ao jantar há almôndegas, e Valentina tem de reconhecer que estão uma delícia, as melhores que já provou. Mal se fala à mesa, tirando Dámaso, o sogro, que lhe explica que ali o mais importante são os porcos, que deles vivem todos; informa-a das horas

a que é preciso dar-lhes de comer, das tarefas de limpeza que lhe competem e dos cuidados de que os animais necessitam.

— São estes os hábitos da casa — conclui.

Para Valentina aquilo não são hábitos, são regras. E, pelo silêncio dos outros quando Dámaso as enumera, são regras que importa cumprir.

Já no quarto, depois do jantar, fica à espera do marido. Pensa que, agora sim, vai querer deitar-se com ela, e prepara-se, veste uma camisa de dormir que lhe ofereceu uma das raparigas do clube, uma que usava com os clientes e que, segundo lhe contou, excitava os homens. «Desperta-lhe o desejo, agarra-o pelos tomates; se o conseguires, venha ele de onde vier, cuidará de ti para sempre.»

O verdadeiro pai do seu filho nunca cuidou dela, é um viajante que passou uma noite pelo clube, não sabe o nome dele ou por que razão dormiu com ele, nem tem a certeza se conseguiria reconhecê-lo caso voltasse a vê-lo. Não precisa que ninguém lhe explique a falta de delicadeza dos espanhóis, já o comprovou, é o que espera esta noite do marido. Mas Antón, ao que parece, é diferente: entra no quarto — ao cheiro a porco juntou-se o cheiro a vinho —, não se digna a desejar-lhe boa noite nem a dar-lhe um beijo, deita-se e adormece.

Valentina também tenta dormir, mas parece-lhe impossível, é a sua noite de núpcias e fica frustrada. São três da manhã quando decide sair do quarto. Percorre a casa às escuras e apercebe-se da sua temeridade. Em poucos dias, casou-se e enclausurou-se num lugar distante de tudo e de todos, com um homem que lhe causa repulsa e com sogros autoritários. Como foi ingénua a ponto de se enfiar na boca do lobo dessa forma? Tenta tirar aqueles medos da cabeça. Antón é apenas um jovem tímido, aos poucos irá suavizá-lo, presente-o. Em troca, conseguiu encontrar estabilidade para dar à luz o seu filho. Que vida iria proporcionar-lhe, se não tinha um cêntimo?

Sai da casa para o enorme campo iluminado pelo luar. O passeio leva-a até às pocilgas. Quer convencer-se de que um dia amará este lugar, considerá-lo-á a sua casa. Passeia pelo corredor em frente às jaulas onde dormem os porcos. De repente, um barulho assusta-a. Um animal parece ter-se lançado contra a porta da jaula, que emitiu um som metálico. Inclina-se para espreitar e, na penumbra da noite, parece-lhe ver que o que há dentro da jaula não são porcos, mas sim dois homens nus e acorrentados.

— Olá — diz-lhe o que se lançou contra a porta.

Está a masturbar-se, escorre-lhe um fio de baba da boca; o outro, agachado, ri-se. Mal consegue distingui-los, só pela voz se convenceu de que são pessoas, e não animais. Mas ouve outra voz nas suas costas.

— O que é que estás aqui a fazer?

É Dámaso, o sogro.

— Se voltares a quebrar as regras, também irás parar aí, à jaula.

Valentina abraça instintivamente o ventre para proteger o filho.

Capítulo 1

O bar está à cunha, os clientes são maioritariamente espanhóis, mas também há grupos de chineses e alguns turistas distraídos. A decoração, essa sim, é completamente asiática: candeeiros e pingentes coloridos com letras chinesas exóticas e um boneco daqueles que parecem um gato e mexem o braço em sinal de saudação. Por baixo de tudo aquilo fica o bar de sempre, daqueles com balcão de estanho e mesas de fórmica, dos que teriam cinzeiros *Cynar* ou *Martini* se ainda fosse permitido fumar. Os moradores da Calle Usera já se habituaram a viver num lugar que, noutras cidades, se chamaria Chinatown.

Chesca não se importa que neste bar, em tempos explorado por Paco, um segoviano que ela conhecia desde que chegou ao bairro, haja aquelas placas em chinês e até um Buda ao lado da caixa registadora. O empregado de olhos rasgados que atende agora serve-lhe os mesmos descafeinados pingados, as mesmas cervejas bem tiradas e umas tripas à moda de Madrid que superam as dos tempos áureos. Tem um nome impronunciável, de tal modo que, para os clientes espanhóis, herdou o do primeiro dono do bar: Paco. Além disso, Paco, embora seja chinês, é dali do bairro, fala espanhol como qualquer pessoa.

— Paco, dá-me uma lata de cerveja para levar e diz-me quanto te devo.

— Hoje estás convidada, não vais ficar? A festa ainda nem começou.

— Vou para casa, que estou com conjuntivite e nem sequer devia ter saído. Só vim para te desejar um feliz ano do porco.

— Obrigado, mas eu nasci em Madrid, em La Milagrosa. Para mim o fim de ano é na véspera de Ano Novo... Isto são chinesices. — Ri-se.

Chesca ficaria mais tempo para apreciar o ambiente, mas o bar está a abarrotar, e ela tem os olhos a arder. Além disso, amanhã tem de se levantar cedo, está citada como testemunha no tribunal da Plaza de Castilla no caso de uma rede de tráfico de mulheres desmantelada pela Brigada de Análise de Casos. São as obrigações que deve cumprir por ser a coordenadora da BAC — apenas coordenadora, e não chefe, como Rentero não se cansa de lhe repetir. A discussão que teve há algumas horas com Zárate também não a deixou nada animada. Pensava que iriam jantar juntos, mas ele foi-se embora com os amigos e deixou-a pendurada. Nem a própria Chesca percebe por que razão ficou tão agastada com ele: são adultos, que cada um faça o que lhe apetecer. Só que...

Antes de sair do bar, afasta-se e deixa passar um grupo de homens com disfarce de dragão que dançam ao ritmo da música tocada pelos tambores e por uma espécie de pandeiretas. Não sabe como vão caber todos no estabelecimento, mas os que estão lá dentro arranjam espaço para eles; Paco já lhe disse que, quanto mais alegria e mais alvoroço houvesse, melhor sorte teriam no ano que começa.

A rua também está apinhada, mas Chesca encontra um lugar tranquilo onde pôr o colírio que Buendía lhe recomendou para os olhos esta tarde. Abre a lata de *Mahou* e bebe um longo gole enquanto olha para os disfarces e ouve a música, os aplausos e os foguetes. É então abordada por um homem, é espanhol, mas dirige-se a ela em chinês.

— *Zhuniáng Jíxiáng.*

— Não percebi patavina — responde-lhe ela, sorridente.

— Espera, que eu repito. — Tem de pegar num papel que traz no bolso e voltar a lê-lo. — *Zhuniáng Jíxiáng.*

— E isso quer dizer o quê?

— Um chinês acaba de me garantir que é assim que se deseja boa sorte para o ano do porco. Mas sabe-se lá, se calhar quer dizer rolinhos de primavera ou porco agriçoce, tudo bem: feliz ano do porco agriçoce. Chamo-me Julio.

— E eu, Chesca.

Dão dois beijos, formais. Chesca observa Julio, é alto, forte e bem constituído, embora esteja vestido de forma algo antiquada, com uma canadiana verde com forro cor de laranja. Poderia dizer-se que é um homem bonito, além de lhe ter parecido ter sentido de humor.

— Vives por aqui? — pergunta-lhe ela, admirada por nunca se ter cruzado com ele. Madrid é muito grande, mas, nos bairros, os madrilenos têm a falsa sensação de que toda a gente se conhece.

— Não, sou novo em Madrid. Professor de liceu, fui colocado num que é bem tramado, aqui no bairro. — Julio arrepende-se logo do que disse. — Desculpa, agora vais dizer-me que estudaste nesse liceu e dá-me uma coisa.

— Não te preocupes. Cheguei a este bairro já crescida. E, além disso, fui para as freiras.

— Não sei o que é pior.

— As freiras — responde Chesca, rindo-se.

Compram quatro latas de cerveja e um pacote de batatas fritas a um vendedor ambulante chinês e dirigem-se para a Plaza de Julián Marías. Ali, do lado oposto à Calle de Marcelo Usera, onde a festa do fim de ano chinês está ao rubro, há uns bancos sossegados onde se podem sentar.

— O que eu digo aos miúdos é que, se estão ali, na sala de aula, é porque escolheram levar uma vida diferente dos que ficam na rua, dos que vão para o Parque de Pradolongo passar o dia entre cervejas, charros e pastilhas.

Ela discorda, mas tem medo de estragar o início da sedução com uma discrepância muito acentuada. Opta, então, por um protesto frouxo.

— É assim tão mau nessa escola? Eu sou quase do bairro e não me parece assim tão tramada, é um sítio difícil, mas não é o pior de Madrid, longe disso.

— Talvez tenha mudado desde o teu tempo de estudante... Insisto com eles que devem manter a cabeça erguida por continuarem na sala de aula, porque foi a escolha deles.

Chesca fica admirada com o que ele lhe diz: Julio está a apropriar-se de uma cena de Michelle Pfeiffer em *Mentes Perigosas*. Poderia até dizer a frase exata do filme: «Não me irei arrastar até à morte. Quando for para o meu túmulo, irei de cabeça erguida. Isso é uma escolha.» Mas acha engraçado, talvez aquele jovem bonito e algo afetado considere que repetir uma frase de um filme seja uma boa forma de se atirar a ela. Sabe-lhe bem um pouco de distração, precisa de esquecer por uns tempos o trabalho na BAC, o julgamento a que tem de ir amanhã e a sua zanga com Zárate. Precisa de desanuviar a mente, e este jovem parece um bom candidato para espairer, pelo que lhe interrompe a tagarelice com um beijo.

— Vives longe daqui? — pergunta-lhe.

— Um bocadinho — responde ele, mais atordoado do que ansioso.

— Trouxeste carro?

— Não, vim de metro.

— Vamos na minha mota.

Seria mais prático levá-lo para sua casa, mas não está para aí virada, não vá Zárate cancelar o encontro com os amigos, aparecer por lá e encontrá-la na cama com um homem que acabou de conhecer. É melhor não arriscar.

Chegam na mota dela à Plaza de las Comendadoras, estacionam e sobem a um apartamento muito acanhado. Chesca tem os olhos a arder, pelo que entra na casa de banho e põe o colírio. Chama-lhe a atenção não haver objetos pessoais no lavatório ou nas prateleiras de vidro, mas não pára para pensar, só quer fazer sexo, é a primeira vez em muito tempo que o vai fazer com alguém que não seja Zárate e sente um formigueiro nas costas.

Julio espera-a com uma garrafa de vinho aberta e um copo servido. Já tirou a camisa, e Chesca gosta do que vê. Assim que terminam o brinde, começam a beijar-se. Ele é habilidoso com as primeiras carícias, com as primeiras manobras para despi-la. Parece querer impor um ritmo lento, mas Chesca despe-se num ápice porque prefere uma queca rápida e voltar para casa. Empurra-o contra a cama e, ao sentar-se sobre ele, sente umas tonturas muito fortes. Deita-se, ele abraça-a, beija-a, e ela deixa levar-se enquanto a cabeça lhe diz que algo está errado... Ele desce com a boca em direção ao sexo dela, e as tonturas de Chesca confundem-se com uma onda de prazer. Semicerra os olhos, mas abre-os novamente, porque uma sombra atravessou o quarto. Tem a certeza de que a viu. Sobre a sua consciência enfraquecida paira uma sensação aterradora: não está sozinha com Julio. Uns grunhidos alertam-na. Não são os de Julio, vêm de outro ponto do quarto. Abre os olhos e vê uma silhueta que se destaca à luz dos candeeiros da rua: há um homem apoiado na soleira da porta a observar a cena como se nada fosse. E, ao pé da cama, duas cabeças testemunham cada movimento com a fixidez dos hipnotizados.

Chesca quer resistir, fugir, mas os seus músculos e a sua vontade já não respondem.

Capítulo 2

À entrada, sentada numa cadeira, imóvel, com o olhar fixo em algum ponto da parede, há uma mulher com aspeto andrógino. Enverga um fato masculino, cinzento-escuro: casaco, calças e colete, uma camisa branca da qual se destacam os punhos com abotoaduras vermelhas, e uma gravata às riscas, ao estilo clássico das universidades inglesas, com nó Windsor. Tem o cabelo curto, com as partes laterais e traseira quase rapadas. Apesar de tudo, apesar dos seus esforços aparentes para parecer um homem, não consegue esconder que é uma mulher muito bonita.

— Está à espera da Chesca — diz Buendía a Orduño atrás da porta de vidro, com cuidado para a mulher não o ouvir. — Terás de assumir a responsabilidade até ela chegar. Sabes quem é?

— Sim, é a nova colega. Ontem a Chesca avisou-me da chegada dela. Mas a ideia era que fosse ela a recebê-la.

— A sobrinha do...?

Orduño assente com a cabeça sem que Buendía precise de dizer o nome. Após a saída de Elena, o comissário Rentero propôs-lhe a coordenação da BAC. Foi ele próprio que recusou o cargo e recomendou que este fosse entregue a Chesca. Rentero insistiu vezes sem conta que era um posto provisório, até encontrar a pessoa certa; nunca escondeu que o seu verdadeiro interesse era o regresso da inspetora Elena Blanco. Até ao momento, Chesca tem feito um bom trabalho, todos acreditam que mais cedo ou mais tarde superará a interinidade.

Receber a nova colega é apenas um dos inconvenientes do cargo, mas hoje vai ser a vez de Orduño, que ainda se opôs mais à sua aceitação quando descobriu quem era a colega.

— Bom dia, Reyes Rentero?

A mulher ergue-se e assume uma postura marcial.

— Sou eu.

O gesto é tão exagerado que Orduño se interroga se não haverá algum escárnio naquela solenidade.

— À vontade, estamos numa brigada especial. As formalidades são mais... flexíveis.

Não sabe se deve cumprimentá-la com um beijo ou não, pelo que lhe estende a mão. Ela aperta-a com firmeza, um aperto masculino.

— Esperava ser recebida pela subinspetora Francisca Olmo.

Orduño sorri; ninguém chama Francisca a Chesca, supõe que é o nome que vem nos documentos do Ministério, mas na BAC desapareceu por completo. Até o seu distintivo diz Chesca Olmo.

— Sabes, há um problema, a Chesca está no tribunal, e não sabemos a que horas vai chegar. Como imagino que não queiras ficar aí sentada o dia todo, sou eu que te vou atender. Também sou subinspetor, chamo-me Orduño.

— Às suas ordens.

— Já te disse que não é necessário, aqui tratamo-nos todos por tu e sem protocolo, fica à vontade. Por enquanto, o que vamos fazer é tomar um café, apresento-te as pessoas e conversamos, o que achas?

— Você é que manda.

— Tratamo-nos por tu. E eu não mando nada. Aqui só manda o teu tio.

Apesar do seu hieratismo, Reyes não conseguiu evitar um esgar de desgosto ao ouvi-lo mencionar o comissário Rentero.

Orduño não o lamenta, Reyes está na BAC por cunha, terá de ganhar a simpatia de todos.

Na sala comum, Mariajo recorta uma notícia, entusiasmada, tem vários jornais regionais sobre a mesa. Não espera que lhe apresentem a nova colega, fala amigavelmente assim que esta entra.

— Vejam só: «Um cientista chinês anuncia a criação de buracos negros em laboratório.»

Leu o título com um ar tão risonho que Reyes se sente convidada a responder.

— Num laboratório? Que barbaridade.

— Vê bem, já recortei esta notícia de seis jornais, e tenho a certeza de que amanhã vai sair noutros tantos. Não sei de onde veio a notícia, de algum gabinete sinistro na Sibéria, é aí que criam os boatos. Chamo-me Mariajo, tu deves ser a sobrinha do comissário.

— Chamo-me Reyes.

— Eu chamo-me Buendía — apresenta-se o outro ocupante da sala. — Não dês ouvidos à Mariajo, não há gabinetes sinistros na Sibéria, é ela que inventa as notícias e as põe a circular.

Buendía aproxima-se para cumprimentar Reyes com dois beijos e esta aceita-os. Ninguém teceu nenhum comentário sobre a sua aparência, embora ninguém tenha a certeza se devem tratá-la como tratariam um homem ou uma mulher. Para todos, foi um alívio o facto de, aparentemente, ela não fazer caso.

Mariajo agarra-lhe no braço com alguma brusquidão, mas faz com que aqueles gestos pareçam cordiais.

— Mostro-te a máquina de café, parece simples, mas tem um truque.

— Obrigada. É mesmo verdade que foi você que inventou a notícia?

— Claro. Buracos negros em laboratórios, olha só o disparate. Mas eu não sei quem faz os jornais, uns autênticos analfabetos.

— E o que é que ganha com isso?

— Todos os recortes vão para o álbum, um dia vou trazer à luz todos os meus boatos. Vai cair o prestígio de mais de um órgão de comunicação social, e serei estudada em universidades de jornalismo de todo o mundo. — Mariajo ri-se, e ninguém sabe se está a falar a sério ou a brincar.

Zárate entra, denotando preocupação no semblante. Não tira o blusão, planta-se no meio da sala e, quando fala, não parece dirigir-se a ninguém em concreto.

— A Chesca já chegou?

— Hoje tinha a intimação no tribunal — responde Orduño.

— Não compareceu.

Orduño olha para ele com um esgar de descrença.

— Não é possível. Passou a semana inteira a preparar o depoimento.

— Venho do tribunal, ela não foi, o procurador está fulo. Não ligou? Ninguém teve notícias da Chesca durante toda a manhã?

Percorre a sala com o olhar, e agora estão todos incluídos na pergunta. A resposta que chega é um silêncio tingido de estupor, incompreensão e um vislumbre de alarme. Até Reyes entende que não é hora de mostrar a sua descontração e cumprimentar o recém-chegado. Naqueles instantes quer ficar invisível ou camuflar-se com o arquivo ou com a máquina de café. Apresentar-se-á diante de Zárate quando a tensão tiver diminuído.

— Nem parece da Chesca faltar a uma citação judicial — diz Buendía.

— E muito menos num caso que foi da responsabilidade dela.

O comentário é de Mariajo. Zárate acena com gestos furiosos, como se estivesse a repreender os colegas por, em vez de lhe aliviarem a preocupação, lançarem mais achas para a fogueira. Chesca desmantelou uma rede de tráfico de mulheres após vários meses de investigação. É a testemunha principal no julgamento que começava hoje. A sua falta de comparecência é ouro sobre azul para o advogado de defesa.

— Ligaste-lhe para o telemóvel?

Orduño sabe que é uma pergunta retórica, é evidente que ligou, mas quer procurar algo que desbarate a apreensão que já sente dentro de si.

— Mais de vinte vezes. Não atende.

— Foste a casa dela? — Mariajo mostra-se inquieta.

— Toquei à campainha, encostei o ouvido à porta. Nada.

— Não tens a chave?

— Não — responde, irritado.

Reyes junta as peças em três segundos. A suposição geral de que Zárate teria a chave da casa de Chesca permite-lhe deduzir que os dois mantinham ou mantêm uma relação amorosa. Mas Zárate não tem a chave, pelo que o relacionamento é menos sério do que todos julgavam.

Sucedem-se as conjeturas, os alarmes, as cautelas, talvez algum vizinho tenha a chave, não podemos entrar-lhe em casa sem autorização, e se ontem à noite lhe deu algum ataque e estiver morta na cama?

— E se estiver com um gajo na cama depois de uma noite de sexo? — diz Mariajo com brutalidade, como que para arrumar a questão. — Para abrir a porta de forma legal, é necessária a autorização de um juiz. E não no-la vão dar só porque a Chesca não atende o telemóvel.

— E não apareceu no tribunal, não te esqueças disso.

— Mesmo assim, é pouco, Zárate.

Ele assente com a cabeça. Sabe que é impossível conseguir o mandado. Mas a preocupação instalou-se profundamente, a angústia embrulha-lhe o estômago.

— Ontem era o Ano Novo chinês na Usera — informa Orduño. — Ela disse-me que ia dar uma volta.

Antes de falar, Buendía corrobora a informação com um gesto.

— A mim também. Estava com os olhos irritados, mas não era nada de grave, recomendei-lhe um colírio.

— Que mania de se automedicarem. — Orduño abana a cabeça.

— Sou médico. Embora me tenha especializado mais nos mortos do que nos vivos, sou capaz de prescrever um colírio, se for necessário.

Zárate entra no gabinete de Chesca. Esquadrinha cada recanto, como se pudesse descobrir a chave do que está a acontecer em algum grão de poeira.

Reyes repara em como o ambiente se adensa à medida que as horas vão avançando. Por enquanto, a sua chegada à unidade — depois de ter sido tão difícil convencer o tio, para quem não bastava ela ter o melhor currículo na Academia — não está a ser como imaginava. Sabia que iriam olhá-la com desconfiança por ser sobrinha de Rentero, o chefe de todas as unidades operacionais, mas isso não a preocupa, tem a certeza de estar totalmente preparada para trabalhar ali e não tardará a demonstrá-lo. O que não esperava era experienciar esta espécie de assombro que o desaparecimento de Chesca causou a todos.

— Suponho que já te terão explicado o que fazemos na Brigada de Análise de Casos. — Orduño não sabe de que mais há de falar com a nova colega.

— Já me explicaram, mas prefiro que sejas tu a dar-me a tua versão. Se não te importas.

— Vamos lá ver como te posso explicar. Somos um departamento que serve um pouco para tudo, desde casos que ficam pendurados, investigações mal feitas ou inspetores que não estão a ser lá muito profissionais no seu trabalho, até processos antigos que se abrem novamente por algum motivo. Ou seja, aqui podes investigar uma rede de tráfico de mulheres em León num dia e um homicídio de 1984 no dia seguinte.

— Muita ação?

— Nem por isso. Se querias ação, devias ter pedido outras unidades.

— Não, estou bem aqui — responde Reyes, enigmática. — Há dias em que preciso de ação, mas noutros prefiro sossego.

Zárate foi dar uma volta à Calle Usera, fazer umas perguntas aqui e acolá. Paco, o dono do bar que Chesca frequenta, viu-a por lá, a tomar uma cerveja. Não notou nada de estranho. Pergunta aos vizinhos, ao dono do bazar onde compra lâmpadas, pilhas e coisas do género. Mas não obtém nenhuma pista.

Decide regressar à BAC e ir direto ao assunto.

— Quero entrar na casa da Chesca.

Solta a frase sem preâmbulos nem saudações. O semblante é firme, passaram-se algumas horas e continuam sem notícias. Desta vez, não haverá debates éticos sobre se será ou não invasão de propriedade alheia.

— Preparo um pedido para o juiz? — oferece-se Orduño.

— Não. Prefiro o Rentero. A autorização dele é suficiente. É um caso especial. Mas eu liguei-lhe, e não está no gabinete, e também não atendeu o telemóvel.

Todos os olhares se voltam para Reyes. Mas é Zárate quem avança na sua direção.

— Sabes onde está o teu tio?

— Essa é a tua forma de me cumprimentares no meu primeiro dia de trabalho?

Zárate fita-a e tenta conter um surto de ira. Quem é esta pirralha a falar-lhe neste tom quando há uma colega desaparecida? Reyes sustém-lhe o olhar. Percebe que Zárate pode estar nervoso, mas isso não lhe dá o direito de ser malcriado com ela. Além disso, tem de se defender, tem de erguer barreiras, ou nunca deixará de ser a sobrinha de Rentero.

— Onde é que está o teu tio? — insiste Zárate.

— Não faço ideia, sou polícia, não sou sobrinha de ninguém.

Mariajo disfarça um sorriso discreto e decide intervir antes que a coisa dê para o torto.

— Já vou saber da agenda dele.

Depois de uns quantos telefonemas e de falar com outras tantas secretárias do Ministério da sua idade, como se houvesse uma rede de sexagenárias que se ajudassem umas às outras, Mariajo chega com a resposta.

— O Rentero está no Casino de Madrid, o da Calle Alcalá. Há um evento para angariar fundos para escolas em Mianmar.

— Vou ao casino buscar a autorização — diz Zárate.
— E tu vens comigo.

Aponta para Reyes.

— Eu?

— Sim. Quero que me ajudes a amaciar o teu tio.



NINGUÉM REGRESSA ILESO DO INFERNO

É a véspera do fim do ano chinês, e o ano do porco está prestes a começar. Chesca, responsável pela Brigada de Análise de Casos há um ano, tem um encontro marcado com Ángel Zárate, mas ele não aparece. Ainda assim, ela decide sair para se divertir e acaba por passar a noite com um desconhecido. Na manhã seguinte, acorda com três homens à volta da sua cama, à espera para se juntarem à diversão. E um cheiro repugnante a carne de porco impregna o quarto.

Depois de um dia inteiro sem qualquer sinal dela, os seus colegas da BAC começam a procurá-la, e contam com uma ajuda preciosa: Elena Blanco, que tinha deixado a Polícia após o fracasso do caso Rede Púrpura, mas que não pode virar as costas a uma amiga. Rapidamente se apercebem de que, por detrás do desaparecimento de Chesca, se escondem segredos inomináveis, nomeadamente o que envolve a enigmática Nina, e terão de enfrentar o horror, tanto físico como moral, de que Chesca não é a única vítima.



Após o enorme sucesso de *A Noiva Cigana* e *A Rede Púrpura*, Carmen Mola regressa com o terceiro livro da série protagonizada pela inspetora Elena Blanco, com novas e chocantes personagens e uma história «não adequada a leitores sensíveis».



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897879555



9 789897 879555 >